

AULA OLINE: uma experiência potencializada pelo covid19

ONLINE CLASSES: an experience enhanced by covid19
CLASES EN LÍNEA: una experiencia mejorada por covid19

Rosemary Lapa de Oliveira

Pós-Doutora e Doutora em Educação, Mestre em Letras e Linguística, especialista em Gramática e Texto e licenciada em Letras Vernáculas com Inglês e respectivas literaturas. Professora Titular da Universidade do Estado da Bahia, atuando na graduação e na Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade PPGEDUC/UNEB, líder do Grupo de Pesquisa e Estudo em Leitura e Contação de histórias – GPELCH. rloliveira@uneb.br

 0000-0003-1165-8265

Correspondência: Universidade Estadual da Bahia - UNEB. Rua Silveira Martins, 2555, Cabula. Brasil.

Recebido: 26.06.2021.
Aceito: 20.08.2021.
Publicado: 01.10.2021.

RESUMO

Este é um estudo crítico de uma experiência de professora pós-doutora, usuária e estudiosa das mídias digitais, professora da educação à distância que se vê instada a continuar com as aulas on-line após a orientação de confinamento por causa do COVID19. É, também, uma reflexão crítica sobre os caminhos da educação no Brasil. A pesquisa é empírica e tem como sujeito de pesquisa a própria pesquisadora que dialoga a educação com o estado de luto, por conta da pandemia, assim, busca ancoragem teórica na psicologia. Na educação, dialoga com questões políticas, metodológicas e sobre as tecnologias na educação. Este texto aponta para o fato de que a educação terá que mudar estruturalmente e metodologicamente.

PALAVRAS-CHAVES: Formação de professores; tecnologias na educação; luto.

Eu prefiro ser
Essa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
(Raul Seixas)

Introdução

O ano de 2019 não foi nada fácil para quem é da área da educação. Começamos com um novo presidente que indica um Ministro da educação que criticava sem argumentos contundentes os maiores cientistas da atualidade e declarou abertamente, seguindo a orientação do guru do atual governo¹, que “não há nada que refute que a Terra não é plana”. Nem será preciso comentar isso.

Mas o pior foi que, em 97 dias à frente da pasta da educação, o Ministro não apresentou um plano sequer para a educação no país, além de fazer propostas, no

¹ Há muitas informações sobre isso nas redes sociais e podemos verificar no endereço: <https://www.metropoles.com/brasil/olavo-de-carvalho-nao-ha-nada-que-refute-que-a-terra-e-plana> Acesso em: 06 abr. 2020.

mínimo questionáveis, como pedir a alunos para gravarem o slogan da campanha do atual presidente ou alterar a visão sobre a ditadura militar nos livros didáticos.

Substituído por conta das polêmicas que levantou e por causa da sua má administração, o seu substituto não trouxe alento à pasta. O atual ministro da educação fez, como uma das primeiras medidas, o anúncio de bloqueio de 30% dos recursos das universidades, causando problemas de funcionamento de universidades e institutos federais, além de programas do ensino infantil à pós-graduação. Quando descongelou os recursos para as universidades, ele bloqueou recursos do Fundo de Financiamento Estudantil (Fies) e de bolsas da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), demonstrando total descaso com a pesquisa no país e com a educação de modo geral.

O ano 2020 começa com menos bolsas de estudos, com problemas de acesso ao Fies, com a ciência vituperada e as universidades vilipendiadas e, além disso, com o fantasma de uma pandemia que se torna real em 11 de março de 2020, quando a Organização Mundial da Saúde (OMS) declara a pandemia.

Segundo registrado nas mídias jornalísticas, no Brasil, o *enfrentamento à covid-19* começou em fevereiro, com a *repatriação dos brasileiros que viviam em Wuhan*, cidade chinesa epicentro da infecção. Em 15 dias, o país confirmou a primeira contaminação, quando a Europa já confirmava centenas de casos e encarava mortes decorrentes desse vírus.

O avanço da covid-19 é considerado acelerado pela OMS, pois passaram-se apenas 25 dias entre o primeiro contágio confirmado até os primeiros mil casos (26/02 a 21/03). Foram seis dias para confirmação de 2 mil contaminados pelo novo coronavírus (21/03 a 27/03) no Brasil. O número de casos chegou a 4 mil na semana seguinte (27/03 a 02/04), atingindo 8 mil casos. A semana iniciada em 27 de abril, começa com quase 80 mil casos de infecção pelo novo coronavírus e mais de 5 mil óbitos, com 449 novas mortes notificadas em 24 horas em todo o território nacional, decorrentes da doença, conforme dados das secretarias estaduais de Saúde.

Como ação de combate à disseminação e da contenção dos casos de internamento por causa desse vírus, o prefeito de Salvador determinou o fechamento de escolas públicas e particulares na capital baiana a partir de 18 de março de 2020 e fechamento de shoppings, casas de entretenimentos e outros espaços de aglomeração a partir do dia 19 de março de 2020. No dia 23 de março de 2020, o Governador fechou todas as instituições públicas para atendimento ao público e fechamento das escolas em todo o território baiano.

A partir daí, embora os decretos municipais e estaduais nada legislassem sobre a continuação das aulas online, muitas escolas particulares começaram a articular seus professores no sentido de manutenção de atividades educativas através de diversas plataformas digitais. Muitas dessas escolas já usavam desses dispositivos, mas a maioria sequer havia pensado em oferecer formações para que seus docentes preparassem aulas com novas metodologias para uso das mídias digitais que nem podem mais ser chamadas de novas e que já alcança larga parcela da população.

Assim, é possível dizer que grande contingente da população docente foi pega de surpresa com, em boa parte dos casos, imposição das escolas para que produzissem material escolar para ser realizado em casa sob supervisão dos responsáveis pelas crianças e adolescentes. Em muitos casos, com aulas online, nas quais docentes se veem expostos e monitorados em seus fazeres pedagógicos, muitos, tendo que se deslocar de seu local de moradia para estúdios de gravação, outros tendo que usar de sua própria aparelhagem e pacote de internet, sem assessoria nesse sentido.

As escolas públicas, com uma realidade bem diversa da que ocorre nas escolas particulares, não conseguem oferecer essa possibilidade a seus estudantes que também dispõem, modo geral, de muito menos acesso às tecnologias do que seus colegas da rede particular de ensino.

Mas como tem sido construído esse material? Como têm sido usadas as mídias digitais em suas amplas possibilidades? A metodologia continua a mesma? Houve mudanças? Quais? Qual o conteúdo desse material? Tem considerado os acontecimentos atuais? Como os pais têm sido orientados na mediação para o desenvolvimento cognitivo de seus filhos? Para ampliação de seus repertórios de conhecimentos?

Todas essas indagações são levantadas quando nos deparamos com o que as escolas têm feito, mas o mote deste artigo é a apresentação de um relato de minha experiência de professora pós-doutora, usuária e estudiosa das mídias digitais, professora da educação à distância que me vejo instada, não pela instituição pública na qual atuo, mas por desejo pessoal próprio, a continuar com as aulas que ministro numa pós-graduação em educação de universidade pública conceituada na capital baiana e com os encontros dos grupos de pesquisa que lidero, após a orientação de confinamento, como estratégia para a contenção do vírus que se apresenta como altamente infectante e, muitas vezes, letal. Um vírus que mina as estratégias de vida não só de pessoas, mas das instituições de saúde e economia, além de paralisar as escolas.

Este relato crítico dos acontecimentos gerados a partir de uma pandemia é, também, uma reflexão sobre os caminhos da educação no Brasil, diante dos acontecimentos que se sucedem com o surgimento de um impedimento contundente ao desenvolvimento de atividades pedagógicas presenciais.

O que o covid nos ensina

Desde a declaração da OMS sobre a pandemia, o sentimento geral é de perda, perda da liberdade de ir e vir, perda da cotidianidade, perda da convivência com pessoas da família, colegas de trabalho, ou seja, luto. O luto tem tomado significados outros desde que Freud (2008) deu a ele uma compreensão mais ampla, associando-o à perda de um objeto querido. Neste caso, a perda da professoralidade relativa ao encontro presencial, com uma metodologia relativa a uma realidade de espaço-tempo que ultrapassa os tempos sempre o mesmo desde sua idealização.

Numa releitura de Freud (2008), Kübler-Ross (1994) escreveu sobre o desenvolvimento do processo de luto em cinco estágios pelos quais passamos na atualidade, por causa de um vírus que ameaça de dores e doenças. O primeiro estágio proposto por ela é a negação e o isolamento, os quais já falam por si só e que se compõem de mecanismos de defesa temporários do Ego contra a dor psíquica diante da perda. Nesse estágio, imaginei que tudo ia passar rapidamente e que a vida iria voltar ao normal.

No segundo estágio, veio a raiva, diante da impossibilidade do Ego manter a Negação e o Isolamento. Nessa fase expressei raiva pelo vírus e por alterar a minha agenda de atividades acadêmicas. O que me levou ao terceiro estágio, a barganha. Vendo que negar, me isolar ou sentir raiva nada poderia fazer para mudar os acontecimentos, busquei fazer algum tipo de acordo de maneira que as coisas pudessem voltar a ser como antes. Então convoquei estudantes da pós-graduação a continuar as aulas online. Mas aí, me deparei com a quarta fase, a depressão. Nessa fase, de grande introspecção, percebi a minha falta de intimidade com o uso das tecnologias para aulas online. Percebi também as dificuldades inerentes aos usos das tecnologias, quando alguns estudantes reportaram dificuldades com uso de dados e acesso às mídias de webconferência disponíveis online, seja por não saber usar, seja por inabilidade em instalar o programa no computador ou celular, seja por não ter acesso de qualidade na internet.

Assim, cheguei ao quinto e último estágio proposto por Kübler-Ross (1994), a aceitação. Nesse estágio, a pessoa se prontifica a enfrentar a situação com consciência

das suas possibilidades e limitações. Chegando a esse estágio, percebi que precisava pesquisar com maior afinco, buscando resolver as questões colocadas por meus estudantes, ajudando-os em seu percurso de mudança de ideia de aula, da presencial, para online. Por outro lado, também percebi a importância de repensar a minha própria metodologia.

Dessa forma, o Covid19 ensinou-me a buscar alternativas de modos de ensino e metodologias mais interativas que possibilitassem os encontros em plataformas digitais.

Foi quando percebi que precisava agir, assim, encontrei em Worden (1998) a reflexão de que essas fases implicam certa passividade, assim, ele propõe tarefas que implicam no fato de que a pessoa enlutada necessita agir e fazer alguma coisa para superar sua dor. Worden (1998) compreende existirem quatro tarefas no processo de luto: a primeira tarefa é aceitar a realidade da perda; a segunda é elaborar a dor da perda. Parkes (1998) afirma ser necessário passar pela dor do luto para que ele se resolva e que nem todas as pessoas vivenciam a dor com a mesma intensidade e forma. Enquanto educadora, aprendi que seria necessário lidar não só com minha perda, mas ajudar meus estudantes a passarem por isso também, respeitando suas individualidades. Assim, muitas vezes, dialoguei com alguns estudantes, no espaço privado do *WhatsApp*, tentando sanar dificuldades, motivando sua participação ou buscando ser sensível a seus momentos de superar suas dificuldades. Dei lugar, no desenvolvimento de minhas aulas, ao currículo oculto. Silva (2010, p. 78) assim o define: "O currículo oculto é constituído por todos aqueles aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial, explicito, contribuem, de forma implícita, para aprendizagens sociais relevantes".

Atualmente, encontro-me na terceira tarefa, ou seja, procuro ajustar-me a um ambiente novo, com significados diferentes para mim. Mesmo não sendo totalmente desconhecido, é novo e o novo sempre assusta.

A tarefa quatro visa o reposicionamento emocional. É uma fase difícil, pois visa abandonar os comportamentos anteriores e criar novos e, dessa forma, poder continuar a vida depois dessa perda. A quarta tarefa consiste em superar o apego ao passado e investir em formar novas realidades. Para isso, será preciso aprender coisas novas, tais como aulas não presenciais.

Aulas não presenciais

As tecnologias na educação chegaram a mim no final do século XX, década de 1990, quando chegaram à escola em que eu trabalhava à época. Escola de ensino fundamental da rede particular de ensino, uma escola religiosa. Os computadores

chegaram e eu, que já tinha computador em casa há algum tempo, comecei a maquinar várias possibilidades de ações didáticas. Mas os computadores chegaram para serem material didático e não recurso pedagógico, ou seja, as crianças eram levadas ao laboratório de informática para aprenderem a ligar e desligar o computador, coisas assim.

Felizmente, a responsável pelo laboratório, ainda que não fosse da área da educação, tinha uma visão bastante pedagógica dos aparelhos e, juntas, demos significado ao eletrônico: fizemos o festival de fábulas, uma ação que ia da leitura de livros diversos, passando pela participação de avós e pais ou responsáveis fazendo contação e leitura de histórias na sala de aula e chegava ao laboratório de informática no qual as crianças transformavam, sob nossa orientação, os textos que elas mesmas produziram em sala de aula em animações, através do aplicativo MicroMundos².

O resultado, apresentávamos num evento aberto às outras turmas e aos pais, através de telão e computadores, além de fazermos cobertura jornalística com as crianças tirando fotos e fazendo pequenos filmes na única câmera digital³ de que dispúnhamos e as imagens eram projetadas também nos telões entre uma apresentação de animação e outra da mostra das animações que produziram. Foi uma experiência riquíssima que me conduziu à produção de aulas multimídias, usando recursos simples de Power Point⁴ ou Movie Maker⁵, por exemplo. Fazia aulas com imagens e movimentos que foram cada vez mais se aperfeiçoando. Usava dispositivos simples, que pudessem rodar nos obsoletos maquinários da escola.

² O MicroMundos é um programa desenvolvido e comercializado pela empresa canadense LCSI (não é um software grátis). Bastante utilizado por várias escolas no Brasil, o programa permite criar projetos publicáveis na web, ou seja, podemos interagir com um projeto mesmo que não tenhamos o programa. Para isso, é necessário instalar um plug-in (disponível somente para Mac e Windows). Disponível em <https://projetoologo.webs.com/mw.html> Acesso em 14 abril 2020. Ver: <http://www.microworlds.com/por/>

³ Segundo informações do BLOG E MANIA, a popularização da câmera fotográfica digital veio na década de 1990, com a acessibilidade dos preços mais baixos. Em 1997, a Hitachi foi a responsável pela fabricação da primeira câmera digital a transferir vídeos em formato MPEG para o computador. Disponível em <https://blog.emania.com.br/conheca-a-historia-da-camera-fotografica-digital/> Acesso em: 17 abr. 2020.

⁴ Programa do Microsoft Office PowerPoint é um programa utilizado para criação/edição e exibição de apresentações gráficas, originalmente escrito para o sistema operacional Windows e portado para a plataforma Mac OS X. A versão para Windows também funciona no Linux através da camada de compatibilidade Wine, mas não com as mesmas possibilidades.

⁵ O Windows Movie Maker é um software de edição de vídeo gratuito disponível em praticamente todos os computadores até a versão Windows 08. Desenvolvido pela Microsoft como parte do pacote de programas padrão, ele foi incluído no Windows XP, no Windows 7 e Windows 8. Não está mais disponível para download. Saiba mais em : https://www.movavi.com/pt/support/how-to/windows-movie-maker-review.html?gclid=CjwKCAjwp-X0BRAFEiwAheRui3o49F1dZyOHTAGslm5l0Cu0kDq_V5XJRci6Kj2HbL8yvCr-Eq7OUxoC0DwQAvD_BwE © Movavi.com

Quando fiz a proposta de disponibilizar essas aulas no portal da escola, anos depois, início já do século XXI, a direção me disse que seria perigoso incitar as crianças a usarem a internet. Mais tarde, essa escola adotou a plataforma do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), na qual seus estudantes acessavam as aulas postadas lá por seus professores. Mas, aí, já era a segunda década do século XXI e eu já não estava mais na educação básica e via meus estudantes de licenciatura, pessoal jovem, com dificuldade de uso até de ferramenta de edição de textos.

Mas não desisti. Minhas aulas na universidade, seja na graduação ou na pós-graduação, notadamente as de orientação de estágio e de referenciais teóricos e metodológicos de língua portuguesa têm sempre a presença desses recursos, deixando estudantes, de início, sempre revoltados com a proposta de inserir mídias nas aulas, argumentando que as escolas não dispõem de computadores, que as crianças não têm acesso, que eles, mesmos, estagiários, não sabem lidar com as tecnologias. Mas, depois, desenvolvida a atividade multimidiática ou gamificada, às vezes até com experiência com ensino híbrido, o entusiasmo toma conta da maioria.

Segundo Guimarães, Magalhães e Barreto (2010, s/p), "textos multimidiáticos são aqueles que possibilitam a articulação de linguagens sob forma digital". Assim, podemos dizer que as atividades multimidiáticas são aquelas que organizam, no caso aqui exposto, atividades pedagógicas sob forma digital, não necessariamente toda a aula, mas que as mídias fazem parte de alguma forma. Ainda segundo essas autoras, sob uma perspectiva técnica, multimídia é a tecnologia caracterizada por permitir a combinação, em um mesmo programa e sob forma digital, de mídias diversas: textos impressos, imagens, sons, etc. Para Nunes (1999, p. 38), multimídia é a tecnologia que permite "a coexistência de distintas ordens de materialidade em um mesmo espaço". De qualquer forma, as atividades multimidiáticas articulam linguagens e novos processos de produção de sentidos, diferentes daqueles produzidos por textos que privilegiam uma linguagem em detrimento de outras (GUIMARÃES, MAGALHÃES e BARRETO 2010, s/p).

A Gamificação, segundo Ulbricht e Fadel (2014) compreende a aplicação de elementos de jogos em atividades de não jogos. Ainda segundo essa autora, embora a palavra tenha sido utilizada pela primeira vez em 2010 nessas circunstâncias, pois para Navarro (2013), gamificação é uma tradução do termo *gamification* criado pelo programador britânico Nick Pelling, em 2003, a sua ideia tem sido aplicada na educação há muito tempo, através de premiações ou atividades com níveis de dificuldades que se sucedem. Para Busarello, Ulbricht e Fadel (2014), esse termo apresenta o conceito de estímulo ao pensamento sistematicamente como em um jogo, com o intuito de se resolver problemas, melhorar produtos, processos, objetos e ambientes com foco na

motivação e no engajamento de um público determinado. O foco da gamificação é envolver emocionalmente o indivíduo, utilizando mecanismos provenientes de jogos, favorecendo a criação de um ambiente propício ao engajamento do indivíduo, que não precisa ser necessariamente mediado pelas tecnologias.

De acordo com Andrade e Souza (2016), ensino híbrido, também chamado de *Blended Learning*, em que *blend*, na língua inglesa, significa combinar, misturar, pode ser entendido como um modelo de ensino e aprendizagem que combina ensino presencial (tradicional) e ensino *online* (*e-learning*).

Ao mesmo tempo em que adoto o ensino híbrido, mantendo diálogo e atividades através das mídias com estudantes – notadamente através do *WhatsApp*, também incito que preparem atividades que envolvam as mídias e a interatividade que elas proporcionam para seus estudantes durante os momentos de estágio. No momento de pôr em prática as suas ideias, efetivamente estagiários e estagiárias encontravam muitas dificuldades, conforme as relatadas anteriormente, mas, com paciência e na perspectiva da Pedagogia da Rebeldia⁶, alcançavam seus objetivos e as aulas mediadas por tecnologias acontecem.

Fora essas experiências bastante elementares e empíricas, por alguns anos ofereço disciplinas nos cursos de educação à distância da universidade estadual na qual leciono e tenho feito, enquanto estudante, alguns cursos online. Mas nada disso me preparou para o que estava por vir.

Dia 16 de março de 2020, já com o vírus rondando nossa sociedade de forma assombrosa, início a primeira aula do semestre da pós-graduação. Já ciente dos possíveis acontecimentos, me adianto em convidar meus estudantes a continuarmos as aulas de forma online. Não tinha muita ideia de como isso se daria, mas, ao ouvir de alguns estudantes que tinham acesso a um pacote de dados de internet bastante limitado e não conseguiam baixar programas de videoconferência, optamos por desenvolver a aula pelo aplicativo *WhatsApp*.

O site Olhar digital⁷ ensina que o *WhatsApp*⁸ é um aplicativo de troca de mensagens e comunicação em texto escrito, áudio e vídeo pela internet, disponível para smartphones e computadores. Ainda segundo o site, o programa tem mais de 1,5 bilhão

⁶ Ver OLIVEIRA, Rosemary Lapa. Pedagogia da Rebeldia e Enleituramento. Curitiba: Appris, 2019.

⁷<https://olhardigital.com.br/noticia/whatsapp-historia-dicas-e-tudo-que-voce-precisa-saber-sobre-o-app/80779> Acesso em: 15 abr. 2020.

⁸ O nome do aplicativo é uma brincadeira com a expressão "What's Up?", em inglês, que pode ser traduzida como "E aí?" ou "Como vai?". O serviço foi criado em 2009 por Brian Acton e Jan Koum, dois ex-funcionários do Yahoo, que venderam sua criação ao Facebook em 2014 por US\$ 19 bilhões (valor da época).

de usuários ativos mensais espalhados por mais de 180 países e é um aplicativo gratuito. Geralmente, esse aplicativo já vem instalado nos celulares, o que dispensa espaço de armazenamento, e as operadoras oferecem gratuidade de uso, independente de pagamento do pacote de dados.

Foi um desafio e tanto mediar uma aula via aplicativo de mensagens. Mas a primeira coisa que pensei foi que não poderia manter a mesma metodologia *online* que costumo usar *off-line*. Assim, busquei modos de fazer que foram sendo guiados pelas experiências que se antecederam a essa, como bancas e encontros de grupo de pesquisa *online*, além de transmissões ao vivo (*live*)⁹ no *YouTube* sobre ensino mediado por tecnologias e professor digital.

A primeira aula *online* foi bem diferente da aula dinâmica que costumo mediar *off-line*, era preciso esperar o tempo de escrita ou de gravação. Como o aplicativo usado é bastante conhecido por todas as pessoas e sabendo que existe a tendência natural do ser humano à regularidade, ou seja, repetir ações já experimentadas¹⁰, iniciei o encontro fazendo acordos com os participantes e apresentei uma metodologia que consistia em: centrar as discussões em tópicos que eu ia apresentando na forma de slides transformados em imagens os quais disparavam as discussões sobre o texto previamente lido por todos. Foi uma metodologia que se mostrou bastante efetiva, pois organizou as falas, algo que sempre fica bastante truncada no *WhatsApp*, notadamente quando em grupo.

Obviamente, nesse primeiro momento, cedi à tentação de transpor a aula presencial para a *online*. Lancei mão dos slides que havia preparado para a aula presencial para nortear a mediação. Mas, prudentemente, refleti sobre essa minha ação e fiz pequenos ajustes: slides de imagem e movimento foram desmembrados, aumentei o tamanho das letras nos slides e separei das imagens, para que o texto não ficasse muito truncado. Tudo isso, porque não poderia enviar os slides como eles estavam, uma vez que para rodar o aplicativo, é necessário que o usuário que recebe a mensagem tenha pacote do *Microsoft Office*¹¹ em seu receptor. Embora ele possa ser baixado tanto

⁹ Segundo o site GLOBO.COM, Live é uma transmissão ao vivo de áudio e vídeo na Internet, geralmente feita por meio das redes sociais. O Instagram, por exemplo, possui uma ferramenta que permite ao usuário fazer uma transmissão de vídeo em tempo real para os seguidores, o que também é possível por aplicativos como YouTube, Twitter, Facebook e TikTok. Usuários podem fazer comentários e deixar curtidas, além de acompanhar as atividades dos demais espectadores. Veja mais em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2020/03/o-que-e-uma-live-saiba-tudo-sobre-as-transmissoes-ao-vivo-na-internet.ghtml> Acesso em: 17 abr. 2020.

¹⁰ No caso do *WhatsApp*, consiste em baixar imagens e textos, na sua maioria acrílicos e dialogar, quase num monólogo, desconsiderando, modo geral o lugar de fala.

¹¹ Segundo o site Portal Educação, o *Microsoft Office* é um pacote com diversos aplicativos para usos diversos entre os programas que compõem esse famoso pacote, podemos destacar o *Word*

em computadores, notebooks ou celulares – que têm feito o papel daquelas máquinas – nem sempre as pessoas têm esse programa, por desconhecimento, por custos ou por problemas de espaço de memória.

Mas é preciso registrar a alegria minha e de estudantes naquele momento. Parece que vencíamos o vírus, burlando seus protocolos ao mantermos a aula, apesar dele! E foi com a mesma alegria que aceitaram continuar com as aulas *online*, dando vazão à superação do luto.

Na segunda aula, um seminário, pedi que gravassem voz e/ou imagem sobre a apresentação de seu capítulo do livro anteriormente e depois abriríamos para discussão. Para organizar as falas, algo que senti que seria muito importante no meio midiático, dada a minha experiência com o seu uso recreativo e experiências de aula, sugeri a apresentação das falas conforme os textos se apresentam no livro. Salvo uma ou outra antecipação, essa experiência foi exitosa. A aula acabou bem depois do tempo regulamentar da aula, dadas as calorosas discussões. Alguns gravaram vídeo, mas, a maioria, gravou áudio. Os áudios foram curtos e diretos, demonstrando que os participantes perceberam o uso correto da mídia.

Para a terceira aula *online*, sugeri uso de plataforma de baixo consumo de dados, mas que suporta webconferência. A experiência revelou a pouquíssima experiência que temos com as mídias. Os estudantes ficaram angustiados em baixar o aplicativo e usá-lo, solicitando meu auxílio para tanto. Outrossim, tive que incentivar a participação de outros que se sentiam inseguros com o uso da nova plataforma. Muitos não participaram. Tentei ficar nas duas plataformas, mas não fui capaz. Essa experiência, em particular, revelou o quão distante das mídias estamos, embora elas estejam se revelando excelentes caminhos de interação social em diversos aspectos. E isso acontece não só por desconhecimento da tecnologia, mas por questões de ordem econômica.

Para esse encontro, resolvi voltar um pouco às minhas origens com as tecnologias e a educação e preparei uma vídeo-aula no *PowerPoint*. Com imagens captadas da internet no site de busca, com texto amparado nos capítulos de livros que havia previamente enviado para leitura, elaborei uma abertura da aula, uma preleção de quatro minutos, para dali fomentar discussões.

(processador de texto), o Excel (planilha de cálculo), o Access (banco de dados), o PowerPoint (apresentador gráfico) e o Outlook (e-mails e contatos), o que faz do pacote Office dos programas mais populares em casas, empresas e instituições de ensino de todo o mundo. Existe versão free, mas, geralmente, é pago. Disponível em: <https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/informatica/pacote-microsoft-office---principais-utilizacoes/50689>. Acesso em: 18 abr. 2020.

Para apresentar os slides como um vídeo, lancei mão do recurso da aba "Apresentação de slides", na qual existe a opção "gravar apresentação de slides", assim, fui narrando, enquanto passava as imagens e, para dar uma autonomia de filme, escolhi "testar intervalos" e salvei o documento como "Apresentação de slides do *PowerPoint*".

Mas, ainda havia o problema de nem todo mundo ter o pacote *Office* em seus celulares e algumas pessoas só acompanham por celular, então salvei a apresentação no formato mp4, ou seja, um arquivo recipiente para arquivo de computador que pode conter vários tipos de dados comprimidos por meios estáveis, utilizando codecs de vídeo e/ou áudio. Porém, o arquivo, assim, ficou muito pesado e não poderia ser enviado via *WhatsApp*, então hospedei o vídeo no canal *YouTube*, mas, também usei um aplicativo disponível *online* (são vários) para diminuir sua qualidade e poder enviá-lo como vídeo. Mandei o link do *YouTube* e o vídeo, garantindo que, seja via internet com uma qualidade melhor, seja no formato vídeo, com qualidade menor, o vídeo fosse acessado.

Como se vê, a coisa não é tão simples, mas é possível. Acessamos o vídeo e dele partiram várias discussões bastante proveitosas. Mas, ainda falando de metodologia e de abordagem de aula, nossas discussões não circularam apenas em volta dos textos sugeridos. Trouxemos as discussões para a realidade atual, para as realidades particulares, ou seja, trabalhamos o currículo oculto. E não poderia ser diferente em tal realidade em que nos situamos, com o luto que vivemos de nossas próprias vidas como a levávamos até bem pouco tempo atrás, antes do Covid19.

Para as aulas seguintes, fui percebendo, cada vez mais que a tão propalada tríade universitária ensino-pesquisa-extensão, precisava ser revisitada. Que não pode mais ser tratada como situações estanques, mas como aspectos de um mesmo objeto que é o conhecimento. Assim, a educação precisa dar conta de aspectos técnicos de um dado conhecimento, mas precisa interagir esse conhecimento socialmente, prevendo, predizendo, preparando discussões amplas na sociedade e precisa conectar esse conhecimento com a realidade local e global, estudando-o em seus currículos explícitos e ocultos.

Nas demais aulas online, fui tentando explorar as possibilidades da mídia a nosso dispor para interação e ampliação de repertório de aprendizagem. Trabalhos em grupos, produções de áudios e vídeos e assim por diante.

Concluindo: é preciso mudar a metodologia

Disso tudo, uma coisa ficou bem clara: é preciso mudar a metodologia, ou seja, o direcionamento para a realização do objetivo pedagógico precisa ser outro

nesses tempos, para que seja alcançado o fim desejado. Quando perdemos um ente querido, nossa metodologia diária se modifica, não poderemos mais conversar, ou ver, ou abraçar aquela pessoa e passamos a usar de outras metodologias para que suas palavras, sua imagem e seu abraço permaneçam. Isso é conviver com o luto.

Com o isolamento social a que fomos instados, notadamente o das unidades educacionais, mais precisamente as escolas e universidades públicas, foi preciso, para dar conta do luto, alterar metodologias que não nos distanciássemos da sala de aula. Dos afazeres acadêmicos. Do luto da escola.

Lancei mão dos conhecimentos empíricos do uso das mídias sociais que bem podem ser usadas na educação. Com elas, aprendi que vídeos longos não são didáticos, sendo mais apropriado, ao espaço pedagógico, o diálogo sobre eles. Que áudios longos são monólogos chatos. Que imagens muito buriladas são difíceis de atribuir sentidos mais objetivos. Que textos longos são dispersantes. Que existem muitos sites que hospedam programas que podem gamificar o ensino. Com as mídias, aprendi que a metodologia pode ser outra.

Aprendi que temos que esperar o áudio do outro, a escrita do outro. Que precisamos fazer a chamada sobre se podemos passar adiante e esperar as respostas e que o diálogo pode se dar de forma não linear. Aprendi que, na webconferência, enquanto um fala os outros desligam os áudios, os vídeos e podemos usar o chat para inscrição de fala, para garantir que todos sejam ouvidos. Aprendi que precisamos prestar atenção na roupa que usamos, para não causar problemas de imagem.

Aprendi novas metodologias de mediação didática com uso de materiais existentes, pois conforme Froebel (apud KISHIMOTO, 1998), o aprendizado depende dos interesses de cada um e se faz por meio da prática. Se há algo que esteja mais na prática do dia a dia são os aparelhos que dão suporte às tecnologias da comunicação e informação: seja o rádio, televisão, telefones, computadores, *smartfones*, *tablets* e outros mais que possam vir a ser produzidos.

Com a mediação desses aparelhos, escolhendo aplicativos e programas que sejam possíveis e acessíveis, a educação caminha, continua, apesar dos vírus e das políticas educacionais equivocadas.

Aprendi mais, entendi a defesa de Giroux (1997), quando ensina que professores, professoras são intelectuais e devem ser protagonistas de seu fazer pedagógico, buscando metodologias que superem as dificuldades encontradas nos caminhos da aprendizagem, sejam obstáculos promovidos por currículos explícitos, currículos ocultos, ou por vicissitudes que ocorram na sociedade. Docentes precisam estar atentos, atentas ao que a sociedade lhes diz, seja por meio dos documentos governamentais, seja por

meio das situações sociais que acontecem, como, por exemplo, um vírus capaz de encerrar as atividades de ensino e aprendizagem, mesmo que seja no decorrer do ano letivo.

E precisamos aprender mais. Aprender que sala de aula precisa ser espaço de salubridade, portanto, precisamos estabelecer um limite de 15 crianças numa mesma sala de aula, sob mediação de um só professor/professora; e mesma quantidade em salas de adolescentes, jovens, adultos idosos. Precisamos aprender a fazer uma educação à distância que seja menos tradicionalista e uma educação presencial que seja marcada pelo ensino híbrido, mediado também através das tecnologias e de conhecimentos ancestrais, como a contação de histórias¹², por exemplo.

Assim, retomando as tarefas que implicam no fato de a pessoa enlutada necessitar agir e fazer alguma coisa para superar sua dor, conforme Worden (1998), tento alcançar a tarefa quatro, a qual visa o reposicionamento emocional. É uma fase que visa abandonar os comportamentos anteriores e criar novos. A quarta tarefa consiste em superar o apego ao passado e investir em formar novas realidades.

O covid19 aponta que a educação terá que mudar, terá que mudar estruturalmente, com menos discentes por cada docente, com salas de aulas mais arejadas e maior acesso às tecnologias; e metodologicamente, com metodologias ativas e mediadas também por tecnologias. Cabe a nós, vencermos nossos lutos de um modo de ensino que não cabe mais, para viver a nova realidade de uma educação que precisa ter mediação das tecnologias e do olhar humanizado, para mantermos sadia – em vários sentidos – nossa população.

Referências

- ANDRADE, Maria do Carmo F. de; SOUZA, Priscila Rodrigues de. Modelos de rotação do ensino híbrido: estações de trabalho e sala de aula invertida. In: E-Tech: Tecnologias para Competitividade Industrial, Florianópolis, v. 9, n. 1, 2016.
- BUSARELLO, Raul Inácio; ULBRICHT, Vania Ribas; FADEL, Luciane Maria. A gamificação e a sistemática de jogo: conceitos sobre a gamificação como recurso motivacional. In: FADEL, Luciane Maria; ULBRICHT, Vania Ribas; BATISTA, Claudia Regina; VANZIN, Tarcísio (orgs). Gamificação na educação. São Paulo: Pimenta Cultural, 2014.
- FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia. Trad. Marilene Carone. São Paulo: Civilização Brasileira, 2008.
- GIROUX, Henry A. Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Artmed, 1997.

¹² Ver mais em <http://graosdeluzegrio.org.br/compre-nossos-produtos/livros/a-pedagogia-grio/>. Acesso em: 19 abr. 2020.

- GUIMARÃES, Glaucia; MAGALHÃES, Ligia Karam Corrêa de; BARRETO Raquel Goulart. TEXTOS MULTIMIDIÁTICOS NA ESCOLA. In: <http://33reuniao.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT16-6325--Int.pdf>, 2010. Acesso em: 14 abr. 2020.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Jogo, brinquedo, brincadeira e educação. 3 ed. São Paulo: Cortez, 1998.
- KÜBLER-ROSS, Elisabeth. Sobre a Morte e o Morrer. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- NAVARRO, Gabrielle. Gamificação: a transformação do conceito do termo jogo no contexto da pós-modernidade. Trabalho de conclusão de curso de especialização em mídia, orientado por Charles Nisz. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/125459/mod_resource/content/1/gamificacao.pdf. Acesso em: 25 mar. 2018.
- NUNES, José Horta. Aspectos da forma histórica do leitor brasileiro na atualidade. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. (Org.) A leitura e os leitores. Campinas: Pontes, 1999.
- PARKES, Colin Murray. Luto: Estudos sobre a Perda na Vida Adulta. São Paulo: Summus Editorial, 1998.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo. 3 ed. 1ª reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- ULBRICHT, Vania Ribas; FADEL, Luciane Maria. Educação Gamificada: valorizando os aspectos sociais. In: FADEL, Luciane Maria; ULBRICHT, Vania Ribas; BATISTA, Claudia Regina; VANZIN, Tarcísio (orgs). Gamificação na educação. São Paulo: Pimenta Cultural, 2014.
- WORDEN, J. William. Terapia do Luto. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

ABSTRACT:

This is a critical study of an experience of a post-doctoral professor, user and student of digital media, a teacher of distance education who is urged to continue with online classes after the confinement orientation because of COVID19. It is also a critical reflection on the paths of education in Brazil. The research is empirical and its research subject is the researcher herself who dialogues education with the state of mourning, due to the pandemic, thus seeking theoretical anchorage in psychology. In education, it dialogues with political, methodological and technology issues in education. This text points to the fact that education will have to change structurally and methodologically.

KEYWORDS Teacher training; technologies in education; mourning.

RESUMEN:

Este es un estudio crítico de la experiencia de un profesor postdoctoral, usuario y estudiante de medios digitales, un maestro de educación a distancia a quien se le insta a continuar con las clases en línea después de la orientación de confinamiento debido a COVID19. También es una reflexión crítica sobre los caminos de la educación en Brasil. La investigación es empírica y su tema de investigación es la propia investigadora que dialoga la educación con el estado de duelo, debido a la pandemia, buscando así un anclaje teórico en psicología. En educación, dialoga con cuestiones políticas, metodológicas y tecnológicas en educación. Este texto apunta al hecho de que la educación tendrá que cambiar estructural y metodológicamente.

PALABRAS-CLAVES: Formación del profesorado; tecnologías en educación; luto.

